

Jornalismo para tablet: mapeando as apropriações do Zero Hora e Diário do Nordeste

Journalism for tablet: mapping Zero Hora's and Diário do Nordeste's usages

Alberto Marques

Professor do Mestrado em Inovação em Comunicação e Economia Criativa da Universidade Católica de Brasília (UCB). Tem interesse em assuntos relacionados à cibercultura e inovação, com foco em comunicação organizacional, comunicação pública e jornalismo digital. É doutor em comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, com estágio de doutoramento no exterior (bolsa sanduíche Capes) no Departamento de comunicação da Universidade da Beira Interior (UBI - Portugal). Editor da Revista Comunicologia. Email: alberto.marques@gmail.com

Thais de Mendonça Jorge

Post-Doctorate Fellow na Universidade da Beira Interior (Portugal) pelo convênio Universidade de Brasília/UBI. Doutora em Comunicação e mestra em Ciência Política pela UnB. Estância Pós-Doutoral na Universidade de Navarra (Espanha, 2009-10). Graduação em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Foi professora na Universidade Federal Fluminense e atualmente é professora da Faculdade de Comunicação/UnB. Email: thaisdemendonca@gmail.com

Robson Dias

Doutor (2013), Mestre (2008), Jornalista (2002) e Relações Públicas (2016). Ênfase em pesquisa sobre Comunicação Organizacional, Legislação em Comunicação e estratégias corporativas de se pautar a mídia. Atuação multidisciplinar em Jornalismo, Assessoria de Imprensa, Docência, Pesquisa, com performance no Sistema Financeiro (Escrituração Contábil e Bancária), no Sistema Educacional (IESB, UCB, UnB, Cespe, INEP, ENEM, ENADE), no cenário de C&T (Capes, CNPq, FAPDF) e em Gestão Pública (Licitações e Contratos), no âmbito distrital e federal (BRB, MPOG e Comprasnet). Membro de júri frequente em premiações nacionais de: Jornalismo e reportagem (CNBB); Comunicação Organizacional no Poder Judiciário (FNCJ); pesquisa e extensão (EXPOCOM / INTERCOM). Email: r.ucbprofessor@gmail.com

Resumo

O desenvolvimento de versões jornalísticas para tablets tem gerado transformações nas rotinas produtivas. Este artigo tem como objetivo mapear a produção no jornal Zero Hora e no Diário do Nordeste. Como metodologia de pesquisa, utilizamos o estudo de caso (Yin, 2005), com observações diretas in loco e entrevistas estruturadas e semiestruturadas. Entre os resultados, percebemos que as rotinas de produção, dependendo da organização da redação, a produção de produtos jornalísticos pode ser alterada. Podemos identificar também que somente aplicativos autóctones exploram as potencialidades do suporte. É preciso ter uma equipe pensando e produzindo conteúdo que esteja adequado ao formato.

Palavras-Chave

Tabletjornalismo; Rotinas de produção; Jornalismo Móvel; Mobilidade.

Abstract

The development of tablet journalism has sparked transformations in production routines. The goal of this article is to map the production of the newspapers Zero Hora and the Diário do Nordeste. For the research methodology, we used the case study method (Yin, 2005) with direct, on-site observations and structured and semistructured interviews. From the results we saw that, depending on how the editorial department is organized, production routines and the production of news products may be altered. We also identified that only native applications fully exploit the potentials of the medium. It is necessary to have a team that is thinking about and producing content that is appropriate for the format.

Keywords

Tablejournalism; Production Routines; Mobile journalism; Mobility.

Introdução

As apropriações e usos dos dispositivos móveis pelos leitores no cenário comunicacional são muito variados. São feitas em suportes digitais para leitura e escrita (*eReaders*), netbooks, telefones móveis e tablets (GÜERE; NEVES, 2012). Nesse cenário de inovações, aplicativos foram criados especificamente para esses suportes.

O marco da inserção dos tablets no mercado é abril de 2010 quando a Apple lança o iPad (CANAVILHAS; SANTANA, 2011). Os suportes não eram novidade no mercado da tecnologia, porém, o lançamento de Steve Jobs representou um *boom* de vendas, atestando a grande aceitação do aparelho no mercado mundial. Já a utilização do suporte para a prática jornalística é anterior ao lançamento da Apple, com o *tablet newspaper* proposto pelo diretor do programa *Digital Publishing Donald W. Reynolds Journalism*, Roger Fidler, da Universidade do Missouri (EUA), em 1997 (BARBOSA; SEIXAS, 2013).

Atentas às crescentes apropriações dos tablets pelos usuários, empresas jornalísticas apresentaram seus projetos, marcando a exploração dos recursos em novas plataformas: o norte-americano *The Daily*, o italiano *La Repubblica Sera*, o belga *Le Soir* e o espanhol *El Mundo de La Tarde*. No Brasil, *O Globo a Mais*, de *O Globo*, e *Estadão Noite*, de *O Estado de S. Paulo*, são destaques durante o *boom* das versões. Contudo, com a redução de vendas dos dispositivos, os projetos foram descontinuados.

O jornalismo feito para esse tipo de plataforma é chamado de tabletjornalismo (CUNHA; FREIRE, 2017) e segue a mesma lógica do webjornalismo, telejornalismo ou radiojornalismo. Segundo esses autores, todo trabalho feito para ser publicado nos tablets é chamado de tabletjornalismo.

“No campo do jornalismo e das práticas de comunicação contemporâneas, observa-se que o jornalismo cada vez mais se alimenta de plataformas móveis, tanto para a produção, quanto para a difusão de conteúdo digital” (RUBLESCKI; BARICHELLO; DUTRA, 2013, p. 129). Empresas jornalísticas têm desenvolvido aplicativos, mas a web também tem sido utilizada, com apoio de uma linguagem chamada de HTML5, como suporte de produção desse formato.

Barbosa e Seixas (2013, p. 62) acreditam que as aplicações *tablet-based media* seguem a mesma tendência das primeiras versões de sites jornalísticos para a web. As pesquisadoras afirmam que vivemos um “estágio de transposição pura e simples, que emula as edições impressas de jornais e também de revistas”. Porém, essas transposições no cenário midiático são mais complexas e provenientes de diferentes suportes. Elas mostram que são agregados “conteúdos multimídia dos respectivos sites para os novos dispositivos tablets como iPad, Xoom, HP touchPad ou aqueles que rodam o sistema android da Google.”

É nitidamente perceptível que os “processos visuais, sonoros e textuais que permeavam os meios tradicionais de comunicação são gradualmente incorporados aos dispositivos móveis, inclusive para fins noticiosos-jornalísticos”, observaram Rublescki, Barichello e Dutra (2013, p. 121). Nos aplicativos para tablet, a criação de hipertextos passa a acontecer em um ambiente fechado; ao usar links externos, o jornalista leva o usuário a um ambiente externo. Certamente essa decisão pesa na hora da escolha por uma linguagem hipermediática.

Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo mapear as rotinas de produção de alguns aplicativos móveis. Nosso corpus é composto por dois estudos de caso (YIN, 2005)

empíricos – *Zero Hora Noite* e *Diário do Nordeste Plus*, com observações diretas *in loco* e entrevistas estruturadas e semiestruturadas.

No *Diário do Nordeste Plus*, em fase ainda exploratória (MARQUES, 2015), acompanhamos um dia de produção e fizemos entrevistas estruturadas com os membros da redação; em 2016, a observação aconteceu durante a semana de 10 a 12 de outubro. O Grupo brasileiro tem sua redação localizada na cidade de Fortaleza, Nordeste do país. As observações no jornal *Zero Hora*, jornal brasileiro localizado na região Sul, foram feitas entre os dias 3 e 7 de outubro de 2016. Acompanhamos os dois turnos de trabalhos dos periódicos.

Zero Hora Noite: práticas no ambiente convergente

A redação do jornal *Zero Hora Noite* está integrada à do *Zero Hora*, que atua em fluxo contínuo, em um ritmo de 24 horas, nos sete dias da semana (24/7). A redação foi organizada em estações de trabalho, que são divididas por editorias e com uma mesa central, em que trabalham o editor-chefe, os editores de capa, os coordenadores de produção e a editoria de foto e vídeo. O mobile possui duas versões – *ZH Dia* e *ZH Noite*, que geralmente são acessadas em desktops e tablets – fora a versão para telefones celulares. O *ZH Dia* é a versão de final de semana do *ZH Noite*.

Os repórteres do *Zero Hora Noite* chegam à redação entre 11h e 12h da manhã. A jornada diária começa lendo a pauta geral (MARQUES, 2017) que fica disponível no *Newsroom*¹, além de acompanhar o que foi publicado no portal e nas mídias sociais do grupo. É a partir dessa leitura que eles começam a inserir na retransmissão² as informações que farão parte da edição do dia. Os jornalistas do *ZH Noite* fazem um trabalho de curadoria, selecionando conteúdos para publicação no suporte. Feitas as escolhas, os dois profissionais copiam os conteúdos que interessam à edição e passam a editar e adaptar a versão.

Entre 15h e 15h30, acontece reunião de pauta do aplicativo *ZH Noite*. Podemos classificar como reunião de meio³, com especificidade de que só *empacota*⁴ o conteúdo. Participam dessa reunião uma editora de capa, que está presente na primeira reunião de pauta integrada (em que participam todos os editores dos suportes), e os dois repórteres específicos do *ZH Noite*. Apesar de o expediente do aplicativo mostrar que há um editor e uma repórter, nas reuniões e no trabalho do dia a dia, essa hierarquia não transparece. O conteúdo que é publicado no aplicativo é aproveitado do jornal online e impresso e há uma relação dialógica entre os dois.

Cada edição do *ZH Noite*⁵ possui um número de páginas sempre igual: nove de conteúdos e uma de anúncio. Quando os assuntos são extraordinários, duas páginas são separadas por matéria. As páginas são montadas pelos repórteres e desenhadas com os diagramadores. Ao voltar, eles ajustam os títulos e passam o conteúdo a um colega ou mesmo

¹ Outros softwares usados pelo ZH: News 2000 é a ferramenta de escrita do ZH; a ferramenta para baixar fotos chama-se Nica; o Indesign é para diagramação e o Marvin, que funciona como servidor local, é usado para inserir as páginas e arquivos do *ZH Noite*. Quando surgem temas em cima da hora, o ZH tem um recurso chamado *Di Última Hora*, que é uma parte colocada na porção inferior da capa, com uma frase em amarelo - chamada com um resumo do acontecimento de última hora.

² Este é um jargão jornalístico que pode ser referir à manchete da página ou a uma matéria subordinada. Neste caso é uma listagem de matérias que estarão presentes na edição.

³ Apesar de fazer parte de uma redação integrada, a reunião de meio neste caso serve para referendar a pauta organizativa.

⁴ Empacotar significa colocar, adequar o texto ao suporte.

⁵ O *ZH Dia* é uma versão ampliada do *ZH Noite*, só que publicado nos finais de semana. Por ser maior, essa edição conta com a colaboração de outros jornalistas da redação para o fechamento.

à revisora. Quando a revisora entrega a página impressa em formato A3 com observações, eles fazem os consertos e passam para uma nova etapa.

Essa etapa tratará de inserir os links, depois da página diagramada. Os vídeos são feitos pelos repórteres fotográficos e controlados por uma editora, que os distribui por todos os suportes do grupo. Durante o fechamento do *ZH Noite*, os links são inseridos e testados. Os arquivos são então colocados em pastas para entrar na memória do jornal. Eles também geram arquivos em imagens para serem divulgadas pela editoria de mídias sociais. Informa-se também, num arquivo em Excel, que a edição foi fechada e pode ser enviada em *push*.

Na reunião de pauta do meio (MARQUES, 2017), os dois membros da redação do *ZH Noite* vão expondo o que pensaram para a edição do dia e passam a debater com a editora de capa do jornal. Não há produção deles. Para o Repórter 1 do *Zero Hora Noite*, a função deles no aplicativo é transformar as matérias produzidas em um conteúdo leve para o leitor. Trata-se de, na maioria das vezes, de um conteúdo factual, com informações de fatos que ocorreram nesse dia.

Na contracapa, por exemplo, existe uma galeria de imagens que busca trazer fotos regionais. As galerias são feitas pelo editor, que puxa as fotos do sistema. Quando não há um conteúdo interessante para o aplicativo, eles demandam algo específico ao editor. Os repórteres consultam a pauta consolidada e vão em busca das matérias para empacotar. Elas são escolhidas pelo critério de proximidade e por uma maior diversidade de formatos. Temas mais atuais, como os relacionados a jovens e que possuem boas imagens ou vídeos tendem a entrar com mais facilidade de circular. Esporte também é unanimidade na versão: sempre há muito acesso.

O Repórter 1 acredita que agilidade é uma qualidade necessária para o veículo. Essa agilidade é alcançada trabalhando em outras editorias do jornal. “É acredito que uma experiência com o digital conta também. Já que o *ZH Noite* é uma mistura dos dois. Ele é um produto digital com ares de impresso” (informação verbal).

As métricas têm influenciado a produção de conteúdo no *ZH Noite*. Não é um recurso acompanhado diariamente pelos membros da equipe, mas o que eles escolhem já faz parte de um conteúdo pensado por intermédio dos dados. Nesse caso, quem sabe mais dos dados é a editora de capa.

Os conteúdos multimidiáticos estão incorporados ao dia a dia da redação. Contudo, não são pensados exclusivamente para o suporte. Normalmente, há a inserção de um vídeo ou galeria que já circularam em outro suporte. É possível que, na ausência de arquivos, os jornalistas acabem pedindo para a editoria de fotografia produzir uma imagem adequada. No fundo, eles ficam dependentes do conteúdo que é produzido pelas editorias e usam o que há disponível.

Apesar de se tratar de um produto para dispositivo móvel, o Repórter 1 do *ZH Noite* (informação verbal) acredita que não há diferença no texto. No entanto, a busca é por deixá-lo mais leve e compacto. “Mais direto e mais objetivo. [...] Mais é a nossa proposta; apresentar o factual do dia sem qualquer discussão”, afirma o Repórter 1 (informação verbal). Existe uma preocupação quanto à interatividade do usuário com o conteúdo. A ideia, para os repórteres do aplicativo, é sempre ter o máximo de formatos de mídias.

O fluxo de produção é ininterrupto por causa da *jornada do leitor*⁶, que precisa ter informações em horários diferentes. Quando individualmente um repórter finaliza seu trabalho, ele passa o texto para um editor, que o revisa, e pode fazer novas considerações a serem trabalhadas ou libera o conteúdo para publicação, que pode ser para online ou impresso, ou

⁶ O termo é usado para descrever uma linha do tempo de produtos jornalísticos publicados ao longo do dia e é criada durante a reunião de pauta geral. Esta é uma estratégia criada pelo grupo para fidelizar a audiência. As métricas são balizadores importantes para avaliar a jornada diária.

mesmo para os dois. Dispositivos móveis também poderão usá-lo. Somente capas do impresso são negociadas com os outros suportes. Diariamente o impresso precisa de uma manchete mais consistente.

Diário do Nordeste Plus: de aplicativo a página web

A redação do *Diário do Nordeste* não funciona em fluxo contínuo, mas está integrada, isto é, funcionam num mesmo espaço o jornal impresso, o on-line e o *Diário do Nordeste Plus*, produto que era específico para tablets até outubro de 2015. A redação possui estações de trabalho divididas por editorias. Há uma mesa – não central – em que trabalham o editor executivo, com função próxima a chefe de redação, e a diretora executiva digital. Contudo, o diretor-editor fica em uma sala separada. É nítido que no *DN* há uma centralização maior nas decisões de escolha e publicação de conteúdos. Não somente pelo formato da redação, mas pelo que a observação permitiu notar. Os jornais, impresso e online, têm as mesmas editorias: *Cidades, Política, Negócios, Jogada, Entretenimento, TVDN*.

No *Diário do Nordeste Plus* – o informativo para tablets produzido diariamente por uma equipe de dois jornalistas e uma designer - todos os membros da equipe sugerem pautas, opinam e devem falar sobre as propostas feitas para o vespertino. A edição é publicada às 19h das segundas-feiras. As pautas surgem do dia a dia das pessoas, de releases, fontes estabelecidas ou de sugestões dos leitores. É debatida nas reuniões a capacidade do conteúdo poder ser aproveitado em termos de interação e recursos multimidiáticos. Os editores buscam refletir se o tema é viável para o *Plus*. Sem esses elementos, o conteúdo é derrubado na reunião. Para isso, a presença da designer é fundamental, ao propor dicas, apresentar limitações e adequação da proposta.

A reunião de pauta acontecia todas as segundas-feiras, pela manhã, até novembro de 2015, quando o vespertino não fazia parte da integração da redação do grupo. Era uma reunião semanal para debater todas as edições, como em *O Globo a Mais*. A apresentação era feita de forma oral. A redação do *DN Plus* ficava em uma sala, ao lado da redação principal, local de produção do impresso e da versão web. Apesar da proximidade, não foi observado um fluxo de profissionais para compartilhamento de informação. Não existia integração com a redação.

A edição era composta pela capa, uma página com tutorial, uma galeria com seis fotografias, a seção *Panorama*, que é um resumo das notícias que saíram no portal. Existia também uma matéria principal. Contudo, em eventos especiais, duas páginas podiam ser diagramadas, bem como era possível entrar mais uma matéria secundária, o roteiro cultural e o expediente. Havia também editorias flutuantes, chamadas de Especiais, como *Novos Sons* – enfocando bandas que se destacavam no Ceará – ou sobre personalidades do estado, não necessariamente conhecidas. Trabalhavam na edição do vespertino, na época autóctone, um editor, uma vice-editora, que também atuava como repórter, uma repórter e duas designers.

Repórteres produziam conteúdos a partir de sua apuração. Havia externas, mas muitas matérias e conteúdos eram produzidos na redação. Essa produção se dava principalmente com a reportagem, que era semanal. Ao produzir conteúdo, todos levam em consideração as características dos tablets e suas potencialidades, considerando os recursos multimídia.

Não havia acompanhamento de métrica para a escolha. Os conteúdos propostos eram, de preferência, atemporais, abrindo mão somente desse aspecto quando de um evento de grande impacto, nacional ou local. As mídias sociais também são fonte para o *Plus*. Mas o Editor 1 do *DNPlus* alerta que nem tudo que está nas redes sociais vai para o *Plus*, principalmente porque os arquivos geralmente não têm qualidade, mas podem gerar reportagem. Nesse caso o repórter

deverá ir a campo apurar ou por telefone. Alguns arquivos são feitos pelos próprios repórteres, com telefones celulares.

A redação conta também com a *TVDN* para produzir vídeos e pequenos documentários. Todo o conteúdo é editado pela equipe da TV do *Diário do Nordeste*. As jornalistas editavam as matérias no Indesign, mas, apesar disso, duas designers eram as responsáveis pelo desenho e diagramação da página. Foi possível constatar que alguns repórteres utilizam o Google Docs para escrever matérias. Segundo o Editor 1 do *DN*, é vantajoso porque a equipe trabalha online e o conteúdo pode ser acessado por todos.

As matérias do *Plus* vão para o impresso e para o online. Segundo o Editor 1, não há matérias dos outros suportes publicadas por eles. Ele explica ser raro isso acontecer. “[...] A não ser que tenha um material muito especial lá, mas muito especial mesmo, que não haja como ir todo lá; eles negociam para a gente aproveitar esse resto de conteúdo” (informação verbal).

Não existia planejamento prévio de arquitetura da informação ao pensar as matérias. São os repórteres, junto com as designers, que pensam a organização dos conteúdos. Vale notar que, ao tocar assunto, os jornalistas, apesar de não deixarem explícito, não tinham domínio do que se tratava arquitetura da informação. Ao construir um hipertexto, o Editor 1 diz que é pensado o texto principal e depois partículas relevantes de informações, dependendo da matéria.

Existe sempre uma preocupação com interatividade e máximo uso de recursos do tablet. Há uma orientação de produzir textos com tamanho de uma lauda e meia, espaçamento 1,5, quando não alcançado, o texto precisa ser cortado. Essa orientação é para textos publicados no dia. O restante são colunas.

Os formatos midiáticos são escolhidos por critérios próprios dos repórteres. “O áudio, acho que é raríssimo a gente usar, só quando é música e a banda não tem um vídeo legal. O vídeo é bem mais usado; é mais interessante, a pessoa vê, tem o visual da coisa, além de ouvir”, explica o Editor 1 do *DNPlus* (informação verbal). Isso dependerá do conteúdo e a escolha será pautada pela percepção de quem o produz. Também não há modelo de produção textual. A orientação está mais próxima ao modelo do online. O seu fechamento acontecia às 19h, com sua imediata publicação.

O editor tem a função de aprovar pautas, revisar e editar os textos, acompanhar o trabalho dos repórteres, conversar com a diagramação, tentar resolver problemas administrativos, reservar carro e fotógrafo.

Para trabalhar no *DN Plus*, é necessário ter um bom texto e entender minimamente de diagramação. No entanto, só texto não é o bastante, um repórter precisa ser multitarefa e generalista – escrever sobre variados temas. O jornalista precisa desenvolver sua pauta, pensar na foto, no vídeo, ter ideia de como vai ser desenhado o texto, capacidade para levantar assuntos relevantes para a edição. A ausência de preconceito é citada como um dos elementos importantes para exercer a função.

Reformulação do Plus

Ao final de 2015, a concepção do *DNPlus* muda completamente. De aplicativo torna-se uma página na web, em formato HTML 5, ou seja, uma página responsiva. O Editor diz que os motivos principais para a mudança foram a alteração no mercado, como constatado no nosso Tópico 2 deste artigo. A periodicidade também foi alterada, passou a ser semanal, com publicação às segundas. A Editora executiva digital explica que a mudança do Plus aconteceu principalmente por causa do usuário. “Caiu o número de usuários de tablets, a gente viu que o cenário que tínhamos no [telefone] móvel era muito promissor” (informação verbal). O *Diário*

do *Nordeste Plus* também deixou de ser direcionado aos tablets para atender ao mercado em expansão dos telefones móveis.

Com a reforma, a versão para telefones móveis deixou de ter colunas e outros formatos, como galerias de imagens, restando somente uma reportagem multimídia em *longform*⁷. Não existe mais a preocupação com a leitura do final do dia ou com a avaliação do dia por meio de notícias, como acontecia na versão anterior, que deu origem ao aplicativo. Como o novo direcionamento está para telefones móveis, há também um cuidado com o tamanho das imagens e vídeos usados. “Mas percebemos que mais da metade dos usuários do Plus acessa a partir de conexões fixas. Temos o cuidado de mandar pacotes pequenos pensando em pessoas que acessam a partir de redes móveis”, explica o Editor 1 do *DNPlus* (informação verbal). O novo fluxo de produção de matérias no *Plus* ficou mais parecido com o das redações tradicionais.

As reuniões de pauta continuam a acontecer semanalmente. Participam o editor, uma repórter, uma pessoa da arte e um estagiário, que atualmente são responsáveis pelo conteúdo no *Plus*. Eles fazem parte da redação integrada do *Diário do Nordeste*, acumulando outras funções. Os profissionais produzem semanalmente também o caderno de Tecnologia do impresso e diariamente alimentam a página web.

Para que uma pauta seja aprovada, segundo o editor do *Plus*, é preciso que os assuntos sejam relevantes e os temas, duráveis. “Tem que ter uma história interessante para ser contada. Tentamos colocar temas que sejam legais para discussão. A questão é pensar em uma matéria que dure por muito mais tempo. Ela vai para o ar hoje, porém, é um assunto que vai ter uma repercussão de mais ou menos um mês” (informação verbal).

Outro aspecto fundamental, que não vai se diferenciar do modelo anterior, é saber como enriquecer o conteúdo. Para o editor do *Plus*, a pauta pode restringir ou não o trabalho do repórter. Ela ajuda a ter um objetivo, delimitando a abrangência do assunto. As características do suporte também podem inviabilizar uma pauta. O Editor 1 diz que, ao sair para produzir o conteúdo, o repórter pode descobrir que o assunto não vai render foto nem vídeo: “Daí já cai a pauta. Não dá pra ser só o texto” (informação verbal). Outra possibilidade é que alguns assuntos não são aprovados na reunião de pauta, seja por tratar temas sensíveis à linha editorial ao jornal, seja pelo próprio assunto.

Angular no *Plus* é escolher a melhor abordagem, bem como delimitar o assunto. O que leva à angulação ou enfoque é justamente a impossibilidade de falar de tudo. Como exemplo, ele diz que mesmo que se escolham três aspectos diferentes de um tema, o repórter não poderá falar de tudo. Importante é ter um objetivo definido.

As pautas costumam surgir de locais variados. De acordo com o Editor 1, elas nascem de conversas, experiência de quem propõe e até de mídias sociais. E, para isso, todos podem contribuir, inclusive os designers, deixando a proposta mais interessante.

A relação entre jornalistas e outros atores na redação costuma ser tranquila. Isso parece advir do fato de que a designer convive no ambiente da redação há bastante tempo, o que diminui a tensão. A tensão maior está na área de desenvolvimento de tecnologia. No processo de construção de produtos jornalísticos acabam acontecendo alterações no produto solicitado. Isso provoca uma atenção redobrada por parte dos editores ao receber os produtos.

É interessante notar também que há uma estrutura muito verticalizada na redação do *Diário do Nordeste*. Como exemplo, no *DNPlus*, ao ser perguntado se repórter pode alterar a pauta, o editor é categórico: “Ele só pode alterar durante a reunião ou na hora da apuração”, o que pouco acontece. O processo de edição não altera a pauta, segundo o Editor 1: “Às vezes, quando o texto está finalizado e você vai editar, enxerga melhor a localização de cada peça. A pauta não se altera, mas a forma com que o conteúdo vai ser visto pelo leitor, sim”. No novo

⁷ Em uma tradução literal seria reportagem em formato longo, verticalizada.

DNPlus, as mídias sociais têm servido para compartilhar a pauta com a audiência, pois “ajudam também para receber feedback dos leitores, uma crítica para o conteúdo. [...] Por ser direcionado a um determinado público depois do material distribuído, nós fazemos uma medição com relação à aceitação daquele conteúdo” (informação verbal).

Considerações finais

Este trabalho apresenta como uma das contribuições o mapeamento das apropriações de dois jornais brasileiros, um na região sul e outro na região nordeste, de versões desenvolvidas para tablets. Nossos dados apontam uma retração no desenvolvimento das versões exclusivas, autóctones, para o suporte. A queda nas vendas dos dispositivos para leitura, na palavra de entrevistados, é o principal motivo para descontinuidade dos projetos.

Sobre as rotinas de produção, afirmamos que dependendo da organização da redação, a produção de produtos jornalísticos pode ser alterada complementarmente. Fica claro que as decisões empresariais, em termos de investimento, sejam eles humanos, sejam em tecnológicos, influenciarão decisivamente no processo de produção. Cada redação, que faz uso de estratégias diferentes, mostra um diferente tipo de organização no processo.

Apesar de possuir dois profissionais trabalhando exclusivamente na edição, todo o assunto que circulava no *Zero Hora Noite* já tinha sido produzido por outros jornalistas da redação. Os dois profissionais responsáveis precisam somente selecionar e dar forma às matérias que circulariam na edição das 19h. Apesar de terem uma reunião de pauta para referendar os assuntos finais, principalmente o de capa, essa reunião não se mostrava muito eficaz em termos de pensar o conteúdo e sim de não existir colisões de temas entre os suportes, bem como de manter de alguma forma os controles editoriais do grupo.

A função da reunião aqui é organizar o que será publicado no outro dia. A pauta, nessa instância, tem menor vulto porque a maioria dos processos produtivos, que são caros à profissão, são anulados, ficando somente a tarefa de organização de conteúdo – que já circulou em outro suporte. Com essa observação, não estamos invalidando todo o trabalho feito na redação, apenas percebendo a produção de temas para um suporte específico.

O *DNPlus* é um misto dos dois outros suportes observados. Trata-se de um aplicativo que é pensado e gerado dentro de uma redação convergente, mas que possui reuniões de pauta, com uma equipe reduzida de pessoas para trabalhar os temas. Diferente do *ZH Noite*, não há empacotamento da informação. Porém, os profissionais precisam também gerar assuntos que circularão na editoria de tecnologia dos outros suportes.

Nesse aspecto, há duas questões importantes: conteúdos são pensados para o suporte de forma quase exclusiva, já que possuem uma repórter, um editor e uma designer com a equipe da Tecnologia da Informação disponível para finalizar o produto, possibilitando que algo mais elaborado seja feito. A segunda é que o número reduzido de mão-de-obra e a divisão do trabalho acabam demandando tempo para elaborar um material de melhor qualidade.

Antes dessa mudança, podemos afirmar com muita tranquilidade que a qualidade e características do suporte são melhor observadas. Primeiro pela equipe disponível para a produção. Como era um aplicativo com várias sessões e conteúdos gerados, esse tipo de organização demandava mais trabalho. Mais gente trabalhando também é sinônimo de um conteúdo mais plural, mais elaborado. Os dois momentos distintos observados no aplicativo reforçam a ideia que estamos defendendo aqui: a organização da redação e os recursos materiais disponíveis são fundamentais nas rotinas.

Uma outra contribuição da nossa pesquisa, apesar de não estar entre seus objetivos, está na participação dos *tecnoatores* na produção dessas edições e no cruzamento de culturas que

tem acontecido no âmbito das redações. Esses dispositivos demandam novos conhecimentos profissionais, porém, nem sempre isso é observado na prática. Constatamos que muitos desses repórteres e editores que trabalham nas versões para tablets são oriundos de outras plataformas e não possuem formação para atuar no suporte, aprendendo com a experiência diária.

O que não vai acontecer com o *ZH Noite*, que está dentro de uma redação integrada e que produz numa lógica de *cross-media*. Contudo, isso não impediu os profissionais que ali trabalham de ter a consciência da necessidade de, quando possível, inserir conteúdo em formatos diferentes, com a máxima interatividade.

Com isso, podemos afirmar que somente aplicativos autóctones exploram as potencialidades do suporte. É preciso ter uma equipe pensando e produzindo conteúdo que esteja adequado ao formato. Isso só pode acontecer, no cenário observado, com profissionais capacitados em diferentes áreas para dar conta das potencialidades oferecidas pelo tablet. Claro que este é um cenário ideal e não significa que o *ZH Noite* não faça *tabletjornalismo*.

A participação de outros profissionais nas reuniões de pauta, como programadores e designers representa um novo elemento ao processo de produção, na construção da pauta. Encontrar profissionais não-jornalistas que atuem positivamente em um local até então exclusivo de jornalistas acrescenta novos elementos à cultura profissional nos diferentes âmbitos – sobressaindo a jornalística. Esses elementos também são encontrados na primeira versão do *DNPlus*. Com isso acreditamos que em versões exclusivas para tablets há uma mediação maior no processo. Como se trata de um ambiente essencialmente jornalístico, profissionais que chegam de outro campo precisa se naturalizar e absorver o *habitus* jornalístico para poder dialogar com os membros da redação.

Referências

- AGUADO, J.M.; ANDREU, Miguel Castellet. Contenidos digitales en el entorno móvil: mapa de situación para marcas informativas y usuarios. In: BARBOSA, S.; MIELNICZUK, L. (Orgs.). **Jornalismo e Tecnologias Móveis**. Covilhã: Livros Labcom, 2013. p. 25-49.
- BARBOSA, S.; SEIXAS, L. Jornalismo e dispositivos móveis. Percepções, usos e tendências. In: BARBOSA, S. et al. **Jornalismo e Tecnologias Móveis**. Covilhã: Livros Labcom, 2013. p. 51-74.
- BARBOSA, S.; SILVA, F.F.; NOGUEIRA, L.; ALMEIDA, Y. A atuação jornalística em plataformas móveis. Estudo sobre os produtos autóctones e a mudança no estatuto do jornalista. **Brazilian Journalism Research**, v. 9, n. 2, p. 10-29, 2013.
- CANAVILHAS, J.; SANTANA, D. Jornalismo para plataformas móveis de 2008 a 2011: da autonomia a emancipação. **Revista Líbero**, v. 14, n. 28, p. 53-66, 2011.
- CUNHA, R. E. S.; FREIRE, E. N. Jogo da Leitura: a ludicidade no jornalismo para tablet. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 26, 2017. **Anais** [...], São Paulo, Brasil, 2017.
- GÜERE, H.N.; NEVES, A. L. Introducción a las Apps de noticias para dispositivos móviles. **AE-IC 2012**. Disponível em: <http://www.aeic2012tarragona.org/comunicacions_cd/ok/104.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2020.
- MARQUES, A. Redações convergentes e o impacto dos tablets nas rotinas produtivas jornalísticas. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CIBERJORNALISMO, 5, 2014. **Anais** [...], Campo Grande: UFMS, 2014b.

MARQUES, A. Rotinas jornalísticas no Globo A Mais: um olhar sobre a coleta e edição de conteúdos. *In*: CANAVILHAS, J.; SATUF, I. (Eds.) **Jornalismo para dispositivos móveis: produção, distribuição e consumo**. Covilhã: Labcom, 2015. p. 221-240.

MARQUES, A. Tablets e jornalismo: o estado da arte e a multimídia no Estadão Noite e no Globo A Mais. *In*: CONFERÊNCIA ICA DE COMUNICAÇÃO DA AMÉRICA LATINA, 4, 2014. **Anais** [...], Brasília: UNB, 2014a.

MARQUES, A.. **O campo jornalístico e a pauta**: um olhar sobre a produção de conteúdos para tablets. 2017. 290 f., il. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

RUBLECKI, A.; BARICHELO, E.; DUTRA, F. Apps jornalísticas: panorama brasileiro. *In*: CANAVILHAS, João (Org.). **Notícias e Mobilidade**: o jornalismo, na era dos dispositivos móveis. Labcom-Laboratório de Comunicação e Conteúdos Online, p. 121-140, 2013.

SILVA, F. F. da. Jornalismo live streaming: tempo real, mobilidade e espaço urbano. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 6, 2008, São Bernardo do Campo. **Anais** [...], São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2011.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.